

Análise teórico-narrativa:**A INFLUÊNCIA DO ELEMENTO TEMPO NA NARRATIVA DO FILME “EFEITO BORBOLETA”**Leandro Mendes Lopes¹

Resumo: As intrigantes viagens no tempo do personagem Evan nos faz refletir sobre a possibilidade de alterar o passado e vivermos melhor no futuro. Mas a impossibilidade desse evento nos torna curiosos por saber como o tempo pode influenciar na narrativa televisual, ainda mais em uma história como a do filme “Efeito Borboleta” que acontece em sucessivos *flash-backs*. O objetivo desse artigo é desvendar como o tempo, espinha dorsal do filme e um dos principais elementos da narrativa, influencia no tema proposto pela história. O trabalho se inicia pela análise do imaginário e da ficção, mostrando as relações da simbologia dos números e elementos na transformação psicológica dos personagens através do tempo. A idéia é proporcionar uma leitura mais crítica da influência do tempo sobre os acontecimentos da história do filme.

Palavras-chave: Tempo, Elementos da narrativa, “Efeito Borboleta”, imaginário, ficção.

Abstract: The intriguing time trips of the character Evan make us contemplate about the possibility to change the past and live better in the future. But the impossibility of that event turns us curious about knowing how the time can influence in the televisual narrative, even so in a story as the one of the film “The Butterfly Effect” that happens in successive flash-backs. The goal of this article is to unmask how the time, the backbone of the movie and one of the main narrative’s element, affects in the theme proposed by the story. The study starts by the analyze of the imaginary and the fiction, showing the relations of the numbers symbolism and the elements in the psychological changing of the characters through the time. The idea is to provide a more critical reading of the time’s influence over the events of the movie story.

Keywords: Time, Narrative elements, “The Butterfly Effect”, imaginary, fiction.

¹Leandro Mendes Lopes. Professor universitário na área de Marketing da Faculdade Estácio de Ourinhos-FAESO. Especialista em Marketing (MBA) pela Fundação Eurípides Soares da Rocha de Marília. E-mail: leandrolopes@faeso.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Assistir o filme “Efeito Borboleta” e não pensar como tudo poderia ter sido diferente se tivéssemos tomado outras decisões em momentos importantes de nossa vida, é o mesmo que negar a própria existência quando nos deparamos com nosso reflexo no espelho. É fato que já passou pela cabeça de todos nós mudarmos algo no nosso passado. Mas a impossibilidade de concretizar esse devaneio evitou sempre que pensássemos nas conseqüências que tal acontecimento poderia desencadear. Mudar o antes é mudar o depois, ou seja, o agora, o presente. E isso pode significar abdicar talvez das melhores metas alcançadas no nosso processo de desenvolvimento. É a inquietação lançada por esta dúvida que fica a retinir naquela parte da nossa consciência que ainda sonha e que divaga por um universo de possibilidades e aventuras.

O objetivo desse artigo é desvendar como o tempo, espinha dorsal do filme e um dos principais elementos da narrativa, influencia no tema proposto pela história. A justificativa para a análise está dentro do próprio enredo. Nos perguntamos o tempo todo qual é o tempo real da narrativa para podermos estabelecer uma seqüência cronológica dos acontecimentos. Isso se torna cada vez mais difícil ao passo que a história nos é revelada e somente e tão somente ao final, podemos elaborar, ainda que empiricamente, uma conclusão plausível para o filme.

Por esses fatores é que a análise da cronologia do tempo e das alterações psicológicas provocada nos personagens em função das viagens temporais do protagonista se faz necessária para entendermos de forma única a mensagem principal do filme. O tempo sendo a temática principal pede uma análise teórica da narrativa buscando informações que embasem e argumentem os acontecimentos da obra.

2. SINOPSE DO FILME

A história gira em torno de Evan (Ashton Kutcher), uma criança que, como mecanismo de defesa, bloqueia algumas memórias da sua infância. Já na universidade, os cadernos que escrevia como diários voltam às suas mãos e Evan começa a recordar o que tinha esquecido, dando-se conta da tremenda violência que acompanhou esses anos.

No processo de redescoberta, Evan percebe que consegue alterar esses momentos do seu passado, “consertando-os”. O que Evan não sabe, mas que acaba por descobrir da pior

forma, é que cada alteração provoca conseqüências imprevisíveis no seu futuro e no daqueles que, como Kayleigh, Lenny e Tommy, partilharam a sua infância.

O título deste filme tem origem na Teoria do Caos², segundo a qual pequenas diferenças nas condições iniciais de um sistema podem conduzir a diferenças bastante significativas no resultado final. No início do filme uma frase lança a idéia da teoria: “Dizem que algo tão pequeno quanto o bater das asas de uma borboleta pode provocar um furacão do outro lado do mundo.”

A elaboração de uma história em *feedbacks* sucessivos permite ao espectador construir ele próprio o *puzzle*. Essa possibilidade abre a discussão para interpretações diferente entre os expectadores sobre as viagens no tempo do personagem principal. Há quem diga e acredite que Evan jamais voltou fisicamente no tempo, que isso não passava de conjeturas feitas para um estudo que ele desenvolvia sobre a memória e dessa forma construía possibilidades diferentes da sua vida e dos outros personagens à medida que decisões diferentes eram tomadas ou ainda que tudo pudesse ser fruto de uma doença mental grave que herdou de seu pai.

3. FICHA TÉCNICA DO FILME

Título Original: The Butterfly Effect

Gênero: Suspense

Tempo de Duração: 113 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 2004

Site Oficial: www.butterflyeffectmovie.com

Estúdio: FilmEngine / Katalyst Films / Bender-Spink Inc. / Blackout Entertainment

Distribuição: New Line Cinema / Europa Filmes

Direção: Eric Bress e J. Mackye Gruber

Roteiro: Eric Bress e J. Mackye Gruber

Produção: Chris Bender, A.J. Dix, Anthony Rhulen e J.C. Spink

Música: Puddle of Mudd, Staind e Michael Suby

Fotografia: Matthew F. Leonetti

² A Teoria do Caos foi elaborada por Eduard Norton Lorenz, quando estava na direção de um projeto de pesquisa cujo estudo se concentrava na previsão estatística do tempo. Percebeu que pequenas alterações decimais (arredondamentos) em números usados para prever as condições climáticas provocavam alterações completamente diferentes de previsões anteriores. A representação gráfica desses cálculos tinha uma forma parecida com uma borboleta, daí a teoria também ser chamada de “Efeito Borboleta”. O que Lorenz queria dizer é que insignificantes fatores podem amplificar-se temporalmente de forma a mudar radicalmente um estado.

Desenho de Produção: Douglas Higgins

Direção de Arte: Shannon Grover e Jeremy Stanbridge

Figurino: Carla Hetland

Edição: Peter Amundson

Efeitos Especiais: Command Post Toybox / Healy FX Studios / Schmincken Studio Inc.

4. ELENCO

Ashton Kutcher (Evan)

Melora Walters (Andrea)

Amy Smart (Kayleigh Miller)

Elden Henson (Lenny)

William Lee Scott (Tommy)

Eric Stoltz (Sr. Miller)

Callum Keith Rennie (Jason)

Lorena Gale (Sra. Boswell)

Nathaniel DeVeaux (Dr. Redfield)

John Patrick Amedori (Evan - 13 anos)

Irene Gorovaia (Kayleigh - 13 anos)

Kevin Schmidt (Lenny - 13 anos)

Jesse James (Tommy - 13 anos)

Logan Lerman (Evan - 7 anos)

Sarah Widdows (Kayleigh - 7 anos)

Jake Kaese (Lenny - 7 anos)

Cameron Bright (Tommy - 7 anos)

5. O IMAGINÁRIO E A FICÇÃO

O que seria das produções ‘hollywoodianas’ ou das grandes ficções romanescas se não fosse a existência do imaginário? As possibilidades de conhecer mundos e realidades diferentes, seres estranhos com poderes especiais e até mesmo viajar de volta ao passado se tornam verossímil somente a partir da existência do imaginário, seja ele individual ou social.

Num sentido mais convencional, o imaginário opõe-se ao real na medida em que, pela imaginação, representa esse real, distorcendo-o, idealizando-o, formatando-o

simbolicamente. (...) é uma introjeção do real, a aceitação inconsciente, ou quase, de um modo de ser partilhado com os outros, com um antes, um durante e um depois. O imaginário é uma língua. O indivíduo entra nela pela compreensão e aceitação das suas regras; participa dele pelos atos de fala imaginal (vivência) e altera-o por ser também um agente imaginal (ator social) em situação. (MACHADO, 2003, p.9)

O imaginário é um sonho que realiza a realidade, uma força que impulsiona indivíduos ou grupos”. (MACHADO, 2003, p.12)

O imaginário permite à ficção buscar o sentido do aparentemente absurdo num reservatório cheio de imagens, sentimentos, lembranças, experiências e visões vividas na realidade. Histórias como a do filme “Efeito Borboleta” se tornam possíveis por esse motivo. O imaginário tira do real a aceitação para o ficcional. Ele constrói através de simbolismos um ambiente alicerçado na expectativa de que os fatos mais fantasiosos no “mundo” real podem de alguma forma acontecer de maneira coerente num outro universo alternativo. Talvez naquele universo que imaginamos como resultado da modificação do real, ou seja, da projeção do real sobre o que consideramos ideal.

Aguiar e Silva (2002), quando comenta sobre o texto narrativo literário ou televisual, diz que independente do sistema semiótico (lingüístico ou não) o texto deve conter alguns elementos que o situa num mundo empírico ou num mundo possível: *eventos*, reais ou fictícios que acontecem num *tempo* específico, representando *estados*, originados ou sofridos por *agentes* (personagens) e que acontecem situados em um *espaço*. O autor ainda diz que o tempo é um elemento extremamente relevante na apresentação do conteúdo e no desenrolar dos eventos.

Nunes (1988, p. 15) diz que “tudo o que se conta acontece no tempo, toma tempo, desenvolve-se temporalmente, e o que se desenvolve no tempo pode ser contado.”

6. TEMPO: UM ELEMENTO DA NARRATIVA E O PILAR DE UMA HISTÓRIA

A história de nosso protagonista Evan no filme “Efeito Borboleta” é uma dessas histórias passíveis de ser contadas segundo Nunes (1988), mas que sem alguns recursos da linguagem televisual tornar-se-ia uma narrativa simplista do ponto de vista da emoção e do suspense. O enredo se desenvolve em sucessivos flash-backs ou conforme Gérard Genette (1976) em sucessivas analepses, que se constitui por recuos no tempo. A cada retorno no tempo de nosso personagem principal alguns efeitos visuais são fundamentais para marcar essa passagem, como a desmaterialização e transformação dos ambientes em que ele está. Os retornos à realidade inicial também trazem uma seqüência desenfreada de cenas que resumem os acontecimentos que foram mudados pelas alterações promovidas por Evan na sua vida,

cenar essas que também ilustram a capacidade de armazenar todos esses acontecimentos em sua memória.

O tempo cronológico é marcado em todo o filme por inscrições claras (*letterings*)³ das datas em que os fatos acontecem. Estas inscrições nos permitem acompanhar com clareza e coerência as analepses da história. Porém a sucessão cronológica em si é pouco relevante para a interpretação dos acontecimentos já que esses afetam o enredo em termos das conseqüências provocadas pela alteração do curso natural da história do protagonista. Tampouco o tempo histórico é importante nesse momento. A única indicação histórica relevante é a referência à tecnologia na medicina em relação a aparelhos de mapeamento da atividade cerebral que por algumas vezes Evan fora submetidos e que não havia na época de seu pai. O pai de Evan, Jason, fora internado em um hospital psiquiátrico como doente mental supostamente pelos mesmos motivos que Evan também foi internado num futuro próximo: acreditar que poderia mudar a história.

Nossa análise fica dessa forma voltada ao tempo psicológico e para isso, primeiramente, precisamos discutir a simbologia encontrada nas datas que fazem referência às idades de Evan no decorrer da história e aos saltos de anos que marcavam as suas transformações.

Desde a Antigüidade o número treze é considerado como mau agouro. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2005, p. 903) ‘o treze simboliza uma evolução fatal em direção à morte, em direção a consumação de um poder, visto que este é limitado: esforço periodicamente interrompido’. O filme principia numa cena em que Evan, num ato de desespero escreve uma carta. Parecia justificar seus atos a alguém. Logo há uma analepse de treze anos, quando se inicia a história na verdade, que mais adiante explica essa sua atitude. Nesses treze anos que se voltaram descobre-se os problemas de Evan, a relação familiar conturbada, a ausência do pai e principalmente os ‘apagões’ de memória que podem ser classificados como esses ‘esforços periodicamente interrompidos’ haja vista que sempre aconteciam em situações específicas. É nessa fase também que Evan perde seu pai. Jason morre após tentar enforcar o próprio filho dentro do hospital psiquiátrico em que estava internado.

De uma forma geral, (...) o treze foge as normas e o ritmo normal do universo – não harmonizada com a lei universal – serve à evolução do indivíduo, mas agita a ordem

³ Caracteres gerados na parte inferior do vídeo. Serve como indicações e explicações do que está sendo exibido.

do macrocosmo e perturba o seu descanso; é uma unidade perturbando o equilíbrio das variadas relações do mundo. (CHEVALIER e GHEERBRANT, p. 903)

Quando a história retorna treze anos encontramos nosso protagonista com sete anos de idade. O número sete representa o fim de um ciclo e o início de um novo, mas também significa também a passagem do conhecido para o desconhecido. Chevalier e Gheerbrant (2005, p. 828) dizem que “o número sete é o símbolo universal de uma totalidade, mas de uma totalidade em movimento ou de um dinamismo total”. Mais adiante na história encontramos o número sete novamente marcando a passagem de tempo de Evan da adolescência (13 anos) para uma fase mais madura (20 anos), e a comemoração de sete anos sem desmaios e “apagões” de memória. O sete se torna o número da conclusão cíclica e a da renovação, como a criação do mundo por Deus: criado em seis dias e o sétimo dia representando a contemplação pela obra acabada e a preparação para um próximo ciclo.

Após esse período a história faz uma avanço (prolepse) de seis anos. Esse número mais uma vez carrega consigo significado importante, haja vista que ele marca a passagem da infância para a adolescência de Evan. Ainda segundo Chevalier e Gheerbrant (2005, p. 809) o número seis

Marca a oposição da criatura ao criador, em um equilíbrio indefinido. (...) pode inclinar-se para o bem, mas também para o mal; em direção à união com Deus, mas também em direção à revolta. É o número dos dons recíprocos e dos antagonismos. (...) no Apocalipse, o número seis teria uma significação claramente pejorativa: seria o número do pecado.

A adolescência é fase bem característica da rebeldia e da descrença, marcadas no filme pela precocidade no uso do cigarro, e os atos de vandalismo como colocar dinamite em uma caixa de correio o que ocasionou a morte de uma mãe e seu bebe de seis meses. Sem contar que esse avanço no tempo leva nosso protagonista a idade de treze anos. Número mais uma vez carregado de sentido.

O número sete e o número treze combinados provocam uma distorção nos acontecimentos. É como se tempos diferentes brigassem para serem o tempo atual. O sete indicando o fim e início de um novo ciclo e o treze indicando o rumo à morte. Seria o princípio do fim ou simplesmente a marca do início de uma fase extremamente conturbada que interrompe os esforços do protagonista para viver normalmente.

Enfim, Evan chega aos vinte anos, marcado mais uma vez por uma avanço de sete anos, ou seja, outro ciclo concluído e um novo ciclo se aproximando, pois é exatamente nessa fase que ele descobre que consegue voltar no tempo através da leitura de seus diários antigos.

Esses diários a princípio foram indicados pelo seu médico para que anotasse tudo o que acontecia durante seu dia em função de seus “apagões” de memória.

A vida de Evan em quase todos os retornos feitos ao passado é marcada pela morte ou pela presença de elementos relacionados a ela. Sempre que alterava algo de sua história e voltava ao período corrente percebia que alguém havia morrido. Temos como exemplo o seu pai, Kayleigh (por duas vezes), Tommy, seu cão Cricket, sua mãe em um estágio terminal de câncer de pulmão e até a sua própria tentativa de suicídio. Sejam quais foram os motivos da morte dessas pessoas, Evan sempre teve participação direta nelas, seja pelas próprias mãos, seja pela desordem causada com a mudança dos fatos.

A morte designa o fim absoluto de qualquer coisa de positivo: um ser humano, um animal, uma planta, uma amizade, uma aliança, a paz, uma época. Não se fala da morte de uma tempestade mas de um dia belo. (...) Os místicos de acordo com os médicos e psicólogos, notaram que em todo ser humano, em todos os seus níveis de existência, coexistem a morte e a vida. Isto é, uma tensão entre duas forças contrárias. A morte em um nível é talvez a condição de uma vida superior em outro nível. (CHEVALIER e GHEERBRANT, p. 621 à 622)

No retorno para casa do enterro de seu pai, Evan observa pela janela de seu carro as lápides dos túmulos no cemitério passando rapidamente pela sua visão e, devido a velocidade, formando uma seqüência quase única marcando o avanço de seis anos na história. Mais uma vez, temos elementos ligados a morte marcando a passagem do tempo e nos dizendo que um novo período começa a se desenrolar.

A passagem do tempo explicada por esses elementos carregados de simbolismos e significados explicam a história não mais do ponto de vista temporal apenas, mas a partir de uma visão semiótica na tradução de signos, significantes e significados, isso sem contar as transformações ocorridas com os personagens a cada novo retorno de Evan no tempo. Eagleton (1983) analisando Heidegger, diz que somos considerados como seres humanos em função da nossa interação com o mundo. “Surgimos como sujeitos de dentro de uma realidade que nunca podemos objetivar plenamente, (...) que é inesgotável em seus significados e que nos gera tanto quanto nós a geramos”. (EAGLETON, 1983, p. 67)

Segundo Nunes (1988, p. 24) “a ficção tem o poder de articular a experiência real do tempo, o que é um paradoxo diante da idéia de ficção como algo real do tempo”. No filme “As Horas” por exemplo, baseado no romance de Virginia Woolf, como se dá a relação do tempo cronológico com o tempo vivido por Mrs. Dalloway? A relação está nas variações imaginativas em torno da experiência temporal do mito. As anacronias interrompem e invertem o tempo cronológico, perturbando o presente, o passado e o futuro, e a sucessão

pode contrair-se num momento único, acrônico e intemporal. Nada constrange o tempo ficcional a não ser a própria estrutura da narrativa que o articula.

5. CONCLUSÃO

A crítica principal dessa obra está justamente na reprodução do pensamento reflexivo, no qual podemos analisar nossa vida a partir de nossos desejos e nossas conquistas. O que já foi alcançado ou deixado de lado no passado torna-se reflexo daquilo que somos hoje, e por mais dura que possa parecer nossa realidade, ela é única certeza que nós temos. Não mais podemos mudar o passado.

O tempo crônico da história segundo Barthes (1987) deve ser desconstruído, o fio da história deve ser “descronologizado”, para depois ser reconstruído. O filme cumpre com fidelidade esse processo. As analepses e prolepses dos eventos desmontam uma seqüência lógica dos acontecimentos, mas constrói aos poucos o entendimento da problemática central do enredo através de recursos televisuais extremamente ricos.

O caos foi estabelecido a partir do momento em que Evan consegue voltar no tempo e mudar sua história. Tudo a sua volta também é mudado. Mas a ordem é restabelecida ao final do filme através da evolução psicológica do protagonista através do tempo, ao perceber que não existe possibilidade alguma de solução para os problemas causados, a não ser pela renúncia, pela abdicação de metas alcançadas que só favoreciam a si mesmo no seu processo de desenvolvimento. Rejeitar o que somos, o que temos, não é tarefa fácil. E ele ainda reafirma tudo isso queimando o único passaporte que tinha para o tempo: seus diários e filmes.

Ricoeur (1975) afirma que em toda cultura a narrativa provê à forma da experiência do tempo. “Contando histórias, os homens articulam experiência do tempo, orientam-se no caos das modalidades potenciais de desenvolvimento, marcam com enredos e desenlaces o curso muito complicado das ações reais dos homens.”

A possibilidade de um novo recomeço também existe. Observando o passado podemos agir com mais confiança em nossos objetivos próximos. Não se constrói as coisas do nada. A experiência nos garante uma orientação mais cautelosa em nossos atos e um futuro provavelmente mais tranqüilo.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR e SILVA, Vítor Manuel. Teoria e Metodologia Literária. Lisboa: Universidade Aberta, 2002.

BARTHES, Roland. O Rumor da Língua. São Paulo: Edições 70, 1987.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 19ª ed. Rio de Janeiro: José Olympo, 2005.

EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

GENETTE, Gérard. Figures III, pp. 251-252; Nomi Tamir, “Personal narrative and its linguistics foundation”, in PTL, 2,3 (1976), pp.415-416.

MACHADO, Juremir. As Tecnologias do Imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2003.

NUNES, B. Narrativa Histórica e Narrativa Ficcional. IN RIEDEL, D. C. Narrativa, Ficção, História. Rio de Janeiro: 1988.

RICOEUR, Paul, Métaphore Vive, pág. 289, Ed. Du Seuil, Paris, 1975